

AGROPECUÁRIA ARGENTINA

Ilha de prosperidade

A produção agrícola argentina vem obtendo resultados extraordinários. Em 1990/91, foram 35 milhões de toneladas; no ano passado, 54 milhões. E em 1997/98, apesar do El Niño, novo recorde: 64 milhões de toneladas de grãos.

LUIZ ANTONIO PINAZZA

O expressivo crescimento da produção de cereais e oleaginosas nos anos 90 espelha a atual pujança da agricultura argentina. A alta dos preços das commodities agrícolas no mercado internacional potencializou o clima de euforia reinante entre os agricultores desde o Programa de Reconversão, iniciado em 1991. Para melhorar, a produtividade também deu resposta positiva aos investimentos em tecnologia,

máquinas e insumos. A combinação disso tudo resultou em sucessivos recordes de produção, cuja taxa de crescimento acumulou fantásticos 84% desde 1990/91.

Para um PIB setorial de US\$28 bilhões, estima-se que, capitalizados, os empresários rurais argentinos injetaram US\$9 bilhões na atividade, somente no exercício de 1997. Cerca de 60% dessas inversões vieram via crédito, cujos saldos permaneceram estáveis

durante 1996 e 1997. Passo a passo, o endividamento da agricultura caiu em 7,6% em 1993, 26% em 1994 e 33% em 1995. Na quitação e renovação dos créditos deste ano o ambiente é de tranquilidade. O Banco de La Nación Argentina financia US\$2,2 bilhões para 9 mil agricultores, com juros de 10% ao ano para compra de máquinas e 9% na aquisição de insumos.

Para a safra 1997/98, o desempenho da produção é uma grata e bem recebida surpresa, em que pese à área plantada ter apresentado um tênue recuo de quase 3%. Do total da área plantada, o plantio direto representou 1/5 e passa de 4 milhões de hectares.

Em termos de volume a produção total de cereais e oleaginosas baterá novo e expressivo recorde, chegando à casa de 64,38 milhões de toneladas. O êxtase é grande nas lides agrícolas. Entre as principais lavouras as produtividades cresceram. São os casos do trigo (15%), cevada (33%), sorgo (27%), milho (26%), soja (39%) e amendoim (110%). O girassol e o arroz, devido ao excesso de chuvas, tiveram quebras de 9% e 11%, assim como o algodão.

Na época da tomada de decisão de plantio, os prognósticos eram desanimadores. Influenciados pelos analistas de mercado, os agricultores acreditaram que a comercialização não teria rentabilidade tão favorável quanto a anterior. Os agrometeorologistas também não perderam a chance de arriscar um palpite de possível quebra de produção protagonizada pelo El Niño. Nesse cenário, os cereais voltados para consumo doméstico registraram as maiores quedas de plantio, enquanto as oleaginosas apresentaram algum incremento.

Para aumentar a competitividade das exportações e diminuir a evasão fiscal estimada em US\$1,5 bilhão, o Congresso autorizou o Poder Executivo a reduzir 50% do Impuesto al Valor Agregado (IVA) até agosto próximo.

A decisão tem gerado área de fricção entre governo e lideranças rurais. A diminuição da alíquota acontece somente na primeira venda. Com isso, os agricultores não poderão abater integralmente o imposto inserido nas compras de bens de capital e insumos (21%). A medida desestimula o

Argentina: Endividamento da agricultura (em US\$ milhões)

Produto	10.06.96	10.06.97
Explorações anuais	3.178	3.383
Culturas industriais	608	504
Gado	594	612
Frutas	367	321
Hortaliças	185	129
Aves	127	144
Outros	383	378
Total	5.442	5.481

Argentina: Produção de oleaginosas

Ano	Girassol		Soja		Amendoim		Total	
	Área	Produção	Área	Produção	Área	Produção	Área	Produção
1990/91	2.372	4.034	4.967	10.862	198	311	7.537	15.207
1991/92	2.724	3.677	5.004	11.315	153	221	7.881	15.213
1992/93	2.187	2.956	5.320	11.053	110	233	7.617	14.242
1993/94	1.997	4.095	5.639	11.720	134	208	7.770	16.023
1994/95	3.010	5.800	6.011	12.134	155	238	9.176	18.172
1995/96	3.410	5.558	5.988	12.436	239	462	9.637	18.456
1996/97	3.048	5.021	6.648	11.013	309	285	10.005	16.319
1997/98*	3.470	5.260	6.890	16.110	410	800	10.770	22.170

Observação: Área 1.000ha; produção 1.000t. * Preliminar.

Argentina: Produção de derivados de oleaginosas

Em 1.000t

Ano	Girassol		Soja	
	Óleo	Farelo	Óleo	Farelo
1991	1.548	1.618	1.232	5.890
1992	1.446	1.538	1.402	6.910
1993	1.182	1.261	1.466	6.631
1994	1.360	1.392	1.541	7.228
1995	1.975	2.107	1.599	7.384
1996	2.034	2.131	1.838	8.316

Fonte: Secretaría de Agricultura, Ganadería, Pesca y Alimentación.

Argentina: Produção de cereais

Área 1.000ha; produção 1.000t

Produto	1990/91	1991/92	1992/93	1993/94	1994/95	1995/96	1996/97	1997/98*
Arroz	Área	98	148	141	143	189	211	227
	Produção	348	733	608	608	926	974	1.222
Cevada	Área	147	233	239	202	147	231	244
	Produção	323	570	579	456	341	385	441
Milho	Área	2.160	2.686	2.963	2.781	2.958	3.412	3.926
	Produção	7.685	10.700	10.901	10.360	11.404	10.499	14.496
Sorgo	Área	752	823	810	670	622	671	802
	Produção	2.252	2.767	2.839	2.148	1.650	2.132	2.552
Trigo	Área	6.178	4.751	4.548	4.869	5.308	5.088	7.344
	Produção	9.884	9.884	9.872	9.659	11.306	9.450	15.983
Total	Área	9.335	8.641	8.701	8.665	9.224	9.613	12.543
	Produção	20.492	24.654	24.799	23.231	25.627	23.440	34.694

Fonte: Secretaría de Agricultura, Ganadería, Pesca y Alimentación. * Preliminar.

produtor tecnificado, pois quanto maior for o dispêndio em máquinas, implementos e insumos, menor será o crédito fiscal.

Ainda assim, quando se faz o cotejamento tendo como foco os países do Mercosul ou os da América do Sul, constata-se que a agropecuária argentina é uma verdadeira ilha isolada de prosperidade nos anos 90. Os demais, inclusive o Brasil, desencantam por não desenvolverem políticas para o fortalecimento de seu agribusiness. Com a segurança alimentar comprometida, eles são rotineiramente obrigados a buscar no exterior a produção de alimentos e fibras que escasseiam. Em direção oposta, tendo uma produção sempre crescente, os argentinos geram maiores excedentes e ampliam as suas exportações. Uma lição para todos nós.

Insumos e máquinas



Agronegócios emissores de tecnologia

Sementes – Acompanhando o crescimento

1.623 eram argentinos e o restante estrangeiros. O país faz parte do Convenio de la Unión para la Protección de las Obtenciones Vegetales, que reconhece o direito de propriedade das variedades vegetais e estimula a inversão de capitais para a pesquisa de novas variedades.

A Comissão Nacional Asesora de Biotecnología Agropecuaria (Conabia) regula a liberação de materiais vegetais e animais alterados pela engenharia genética, que totalizam 118 desde 1991. Os caracteres introduzidos aumentam a tolerância a herbicidas e insetos. Em 1996 foi autorizada a comercialização da soja resistente ao glifosato.

Fertilizantes – Até a década de 80, o consumo flutuava entre 280 e 350 mil toneladas anuais, equivalentes a 6 a 7kg de nutrientes (nitrogênio, pentóxido de fósforo e dióxido de potássio) por hectare, que era um dos mais baixos do mundo e insuficiente para repor os nutrientes extraídos pelas culturas. A incorporação de restos culturais e rotação de pastagens à base de leguminosas constituíam práticas que apenas amenizavam o processo de deterioração do solo em função de seu uso intensivo.

A partir de 1992, o emprego de fertilizantes começou a crescer de forma significativa, sendo o de uréia 40% do consumo. Algumas empresas têm investido para melhorar a logística de distribuição e prestação de serviços (análise de solo, formulação adequada, aplicação de micronutrientes etc.).

Para atender à demanda crescente, a Profertil (empresa constituída pela YPF SA, a Pérez Campana SA y Agrim Inc.) está instalando em Bahía Blanca uma planta de uréia com capacidade de produção projetada para 1,1 milhão de toneladas e 80 mil

Argentina: Vendas de máquinas e insumos agrícolas

Ano	Fertilizantes t	Defensivos US\$ milhões	Irrigantes unid.	Tratores unid.	Colheitadeiras unid.
1991	300	285,6	ND	3.400	760
1992	516	336,5	ND	4.871	415
1993	600	406	97	4.875	344
1994	900	521,5	188	6.393	1.011
1995	1.100	626,1	137	4.615	662
1996	1.650	791,8	391	7.720	1.276

ND = não disponível.

Fonte: Secretaría de Agricultura, Ganadería, Pesca y Alimentación.

toneladas de amoníaco no ano 2000.

Embora a resposta dos materiais genéticos à adubação seja alta, o uso de fertilizantes na Argentina ainda é muito baixo. Representa apenas 40% da média empregada na América Latina, 28% da América do Norte, 65% da Ásia e 20% da Europa.

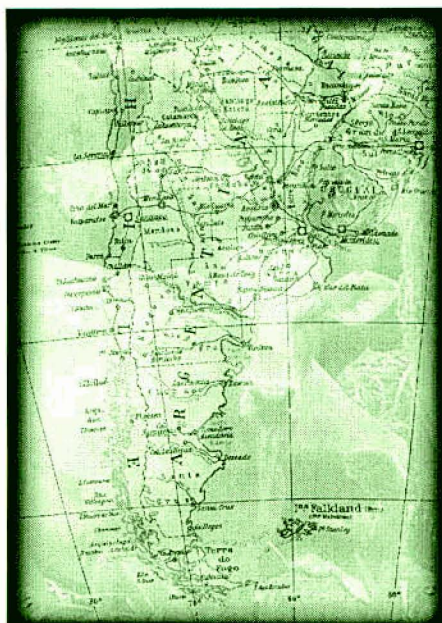
Defensivos vegetais – A taxa de crescimento anual no faturamento do setor vai de 20% a 25% nos anos 90. Os herbicidas contribuem com a metade, tendo aumentado as vendas de US\$160 milhões da década de 80 para US\$545 milhões em 1996. A expansão do plantio direto faz aumentar o uso de herbicidas não seletivos, enquanto produtos menos tóxicos elevaram em mais de 30% sua participação no mercado desde 1991. Para o futuro, o setor terá de se adaptar ao novo ambiente dos materiais vegetais obtidos pela engenharia genética.

Tratores e colheitadeiras – A indústria nacional teve de reestruturar-se para atender aos requisitos advindos da abertura de mercado, com relação a serviços técnicos, garantia, qualidade e preços. A reestruturação acabou por reduzir o número de modelos fabricados no país e incorporou novas tecnologias às máquinas. Mas os importados têm presença significativa. Representam 30% nas vendas de tratores, 80% nas colheitadeiras e 60% nas semeadeiras.

A demanda possui três segmentos. O primeiro compõe-se de empresas de maior escala e capacidade de inversão. O segundo, de produtores tradicionais sujeitos a processos de reestruturação. O terceiro são pequenos agricultores com baixa capacidade produtiva e dificuldade para ter acesso a financiamentos. Particularmente nos segmentos dois e três assiste-se a numerosos casos de criação de formas associativas de propriedade e uso de máquinas.

A região pampeana representa 60% da mecanização rural, onde a potência média dos tratores supera 100CV, com maior emprego de máquinas de duas trações. O avanço do plantio direto aumenta a venda de semeadeiras especiais para esse sistema.

Irrigação – Durante muito tempo, a irrigação ficava circunscrita às províncias mais áridas, um total de 900 mil hectares para o cultivo de frutas e hortaliças. Na região pampeana havia 100 mil hectares em fruti-



cultura e hortaliças concentradas nos vales e baixadas, enquanto na mesopotâmia 140 mil eram explorados com arroz. No total, a irrigação abrangia 1,2 milhão de hectares.

Nos últimos anos, a irrigação de áreas

extensivas de grãos via equipamentos sofisticados se expandiu e chega a 100 mil hectares. Aumentar a rentabilidade e fugir de adversidades climáticas são os fatores que influenciam as decisões empresariais a favor da irrigação.

Pecuária de corte

Lembranças da Belle Époque

Na Argentina, Gardel, Perón e a carne bovina são ícones idolatrados. A suculência da carne grelhada satisfaz ao paladar de milhares de consumidores dentro e fora do país. Em termos de consumo per capita do produto, os argentinos apresentam os maiores índices do mundo. Quase o dobro dos brasileiros, por exemplo.

Em sua história econômica na primeira metade deste século, o ciclo de riqueza e prosperidade proporcionado pela pecuária de corte permitiu que a sociedade desfrutasse de um padrão de vida semelhante ao dos países ricos no auge da Belle Époque.

Argentina: Números da pecuária de corte

Ano	Rebanho	Abate	Produção	Consumo per capita	Exportação	Exportação
	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)
1991	52.452	12.345	2.607	67,9	411.289	777.570
1992	53.011	11.712	2.487	66,4	296.407	622.140
1993	52.555	11.895	2.509	66,9	280.455	613.670
1994	53.157	11.880	2.473	63,1	376.187	785.210
1995	52.648	11.576	2.449	56,4	516.580	1.070.170
1996	50.830	11.453	2.380	55,7	464.421	894.070

Fonte: Secretaría de Agricultura, Ganaderia, Pesca y Alimentación

(1) e (2): em 1.000 cabeças; (3) e (5): em mil toneladas; (4): quilo/habitante/ano; (6): US\$ 1.000.

Argentina: Controle de doenças em animais

Ano	Febre aftosa		Brucelose	
	Animais vacinados	Focos	Animais vacinados	Doses
	(1)	(2)	(2)	(3)
1990	16.000	841	ND	ND
1991	41.380	240	2.807	4.987
1992	53.500	350	2.890	5.842
1993	53.600	196	3.226	5.559
1994	54.700	18	3.768	7.399
1995	55.608	0	4.378	7.453
1996	54.648	0	ND	ND

Fonte: Secretaría de Agricultura, Ganaderia, Pesca y Alimentación

(1) e (2): em 1.000 cabeças; (3): em mil unidades.

ND = não disponível.

Com a produção desestruturada por grandes guerras e recessões econômicas, os europeus buscavam na Argentina as carnes de que necessitavam.

Muitos criadores nostálgicos rememoram aqueles bons tempos e desejariam trazê-los de volta. Têm razão para isso. A preços de hoje, a arroba valeria mais de US\$100. Para o pecuarista argentino médio, que agora precisa levar as contas rigorosamente na ponta do lápis, isso significaria a redenção para uma vida de abundância e sem grandes preocupações.

Com todo esse passado esplendoroso, as luzes continuam acesas para o futuro. Em maio de 1997, depois de gastar US\$600 milhões e envolver 300 mil pecuaristas numa campanha iniciada com o Plan Antiaftósico 1990/92 e seguida pelo Plan de Control 1993/97, a Argentina foi declarada como livre da febre aftosa. Foi uma conquista perseguida com muita tenacidade e de extrema importância, pois abre amplas possibilidades de aumentar a participação do país – ao redor de 10% – no comércio internacional, que gira US\$12 bilhões anualmente. A Associação das Indústrias Argentinas de Carnes projeta para o ano 2000 vendas externas de 1 milhão de toneladas, com o empenho de cerca de 60 empresas exportadoras de carne bovina.

Antes de ser reconhecida como livre da febre aftosa, a Argentina somente podia vender carnes cruas refrigeradas para os países do circuito aftósico, que movimentam 1,5 milhão de toneladas anuais, onde a Europa é o grande importador (450 mil toneladas por ano). Outros compradores importantes são Rússia, Irã, Iraque, Arábia Saudita e Egito que importam 800 mil toneladas anuais, supridos basicamente por carnes subsidiadas da União Européia.

Ainda em 1997, depois de ficarem impedidos durante 65 anos, os argentinos conseguiram fechar negócios de exportação com os Estados Unidos. Os norte-americanos consomem 12 milhões de toneladas por ano e são abastecidos principalmente por Nova Zelândia e Austrália, cujas cotas somam 580 mil toneladas por ano. Agora, a cota de 20 mil toneladas anuais de produtos frescos autorizada pelo governo dos EUA para a Argentina, no final da Rodada Uruguai, pode ser atendida sem embaraços sanitários.

Os mercados da Europa, bem como os do Japão e da Coreia, são vistos com consideração especial, enquanto nas 70 mil tonela-

Argentina: Números da suinocultura

Ano	Rebanho mil cabeças	Abate	Produção em t	Consumo pc kg/hab/ano	Exportação em t	Importação em t
1991	2700	1680	145.297	4,6	533	7497
1992	2950	1850	159.693	5,7	107	29678
1993	3350	2080	179.918	6,2	3364	33303
1994	3400	2120	183.278	6	10540	33169
1995	3000	2250	207.395	6,4	11369	26593
1996	2220	1910	176.000	6,8	5737	48707

Fonte: Secretaría de Agricultura, Ganadería, Pesca y Alimentación.

Argentina: Números da avicultura

Ano	Abate mil cabeças	Produção	Consumo pc kg/hab/ano	Produção ovos mil unidades	Exportação em t	Importação em t
1991	173.242	389.790	11,9	4500	nd	nd
1992	233.127	553.680	17,8	4812	nd	nd
1993	256.536	663.990	21	4716	nd	nd
1994	266.659	677.390	21,3	4800	7.996	52.180
1995	290.146	742.790	21,9	5100	10.874	19.600
1996	280.662	724.070	21,3	5160	13.207	28.510
1997	295.709	762.890	22,19	ND	ND	46.239

Fonte: Secretaría de Agricultura, Ganadería, Pesca y Alimentación. – ND = não disponível

das totalizadas a cada ano na chamada cota Hilton o trabalho não perde solução de continuidade. Mantendo a liderança, no período compreendido de 1 de julho de 1996 a 30 de julho de 1997, a Argentina recebeu a cota de 28 mil toneladas, contra 5 mil do Brasil e 6,3 mil do Uruguai. O Paraguai trabalha para conseguir 2 mil toneladas.

Sustentando a tradição e a qualidade, com esforços de marketing, o setor age esmeradamente para extirpar males arraigados no agronegócio. Nessa direção, o governo acaba de lançar um programa completo de controle policial com satélites, computadores e cães farejadores para descobrir empresas que operam ilegalmente com carne. Estima-se que a fraude movimenta a soma pouco desprezível de US\$700 milhões a cada exercício.

Avicultura e suinocultura

A ordem é ganhar espaço

A avicultura e a suinocultura, consideradas no passado setores de carnes substitutas e de segunda preferência do cardápio alimentar, já não passam mais desperceidas pelos consumidores argentinos. Os complexos agroindustriais que giram em torno desses dois produtos mostram uma dinâmi-

ca jamais vista no país em que a carne vermelha ainda predomina. Esses setores se encontram em plena reconversão para aumentar a sua competitividade, diante dos preços mais baixos das importações.

Aproximadamente 75% da produção de carne suína se concentram nas províncias de Córdoba, Buenos Aires e Santa Fé. No total existem 64 matadouros. Do consumo nacional, um quarto é suprido por importações, das quais o Brasil participa com a metade. O consumo per capita ainda é pequeno, mas cresceu 50% nos anos 90.

O sistema de produção mais difundido no país é o semi-intensivo, que combina uma certa inversão de capital e absorve mão-de-obra. As fêmeas gestantes e as leitegadas têm acesso a pastos para exercício muscular e exposição a raios solares. A parição é feita em instalações apropriadas chamadas de maternidade. Já a terminação ocorre nos confinamentos, onde o animal recebe cereais (milho e sorgo) com suplementação protéica e antibiótica.

Na avicultura, os números de crescimento da atividade chamam atenção. Em ritmos bem próximos, tanto a produção como o consumo per capita praticamente duplicaram nesta década. Quase 90% da produção acontecem nas províncias de Buenos Aires e Entre Rios, com predominância do sistema de

integração vertical, tão comum aqui no Brasil, nos estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

O fato concreto para o futuro é que, somados, os consumos *per capita* de carne avícola e suínica encostaram na metade da bovina. Esse percentual tem tudo para aumentar nos próximos anos. Assim como se verifica em outras partes do mundo, condições de preços e disponibilidade de renda são os dois principais fatores que ditam o consumo de massa na proteína animal. E eles não correm a favor da bovinocultura.

Marketing da carne

O Smiling Beef Club é a mais recente iniciativa da Argentina para vender seus produtos no mercado americano. O Clube da Carne, cuja carteira número um pertence ao presidente Bill Clinton, funciona no pátio da embaixada argentina em Washington.

Apesar do nome, a iniciativa não visa vender só carne bovina no mercado americano. Pretende sim facilitar todas as iniciativas comerciais de empresas argentinas nos EUA. Até porque a produção argentina ainda não conseguiu atender à totalidade da demanda norte-americana de carne bovina.

Em agosto do ano passado, o governo dos EUA suspendeu a proibição, que durou 65 anos, de importar carne da Argentina. Quase um ano depois, a Argentina ainda não conseguiu cumprir a quota de 20 mil toneladas anuais. Embarcou para os EUA apenas 7 mil toneladas.

Mas isso não preocupa os portenhos. Na verdade, as principais empresas exportadoras argentinas não parecem dispostas a disputar espaço com a carne local, vendida nos supermercados. Preferem investir no mercado constituído pelos sofisticados restau-

rantes onde o negócio é bem mais lucrativo. Os cortes especiais são vendidos a US\$5/lb (454g) e são entregues congelados em embalagens a vácuo.

O Clube da Carne vem sendo freqüentado, toda terça-feira, das 18 às 22 horas, por diplomatas, empresários, deputados, senadores e amigos da embaixada. É, apenas, uma singela e simpática iniciativa da embaixada argentina em Washington. E como o comércio internacional necessita de iniciativas como essa!

Pecuária de leite

Produzir para o mercado brasileiro

El Niño pegou de cheio as bacias leiteiras da Argentina, interrompendo a escalada de aumento da produção, que vinha desde 1991, quando atingiu 5,9 bilhões de litros. A seca severa e prolongada fez com que a produção patinasse no patamar de 8,6 a 8,7 bilhões de litros no biênio 1996-1997. Para 1998, aguarda-se a retomada do crescimento.

Os planos dos laticínios, que nos últimos anos injetaram US\$600 milhões na modernização de suas plantas, priorizam a exportação. Nesse sentido, a quebra da produção foi uma frustração enorme. A SanCor, principal cooperativa do país, chegou a captar 4 milhões de litros, para uma capacidade de produção da ordem de 7 milhões.

Em contrapartida, a queda-de-braço entre produtores e laticínios revela uma disputa velada e pesada. Para aumentar a competitividade, as empresas entraram numa delicada negociação com seus fornecedores, onde o objetivo final é diminuir o preço do leite pago, de R\$0,22 o litro, em

15%. Essa ação orienta organizações privadas poderosas como a Mastellon Hermanos (La Serenisima), com seus 3,2 milhões diários, além da multinacional Nestlé (a terceira maior empresa argentina no setor), que processa 1,3 milhão de litros por dia, e outras fábricas de médio porte.

Os argentinos, com uma produção diária por fazenda de 1.100 litros, usam nas contas de referência os números da Nova Zelândia, país considerado seu principal concorrente no nível internacional, onde o índice é o dobro. E a produtividade argentina em termos de litros por fazenda era de 540 em 1988. O orgulho das lideranças do setor fica duramente ferido quando se trazem à tona estatísticas de importação, como a de 1977, em que razões climáticas forçaram a importação de mais de 200 mil toneladas de leite em pó neozelandês.

De qualquer forma, sopra um desafio mesclado com otimismo nos ventos dos pampas. Para o ano 2000, projeta-se um excedente de 2 bilhões de litros, a partir do potencial produtivo de 2,2 milhões de vacas em ordenha distribuídas em 22 mil fazendas. Há 10 anos o número de fazendas era de 44 mil. É uma oferta maior de leite que viabilizará a abertura de novos mercados, tais como a Europa, Rússia, Sudeste asiático e, evidentemente, o Brasil, que importa mais de 40% do total de produtos lácteos da Argentina.

A tecnificação das propriedades leiteiras corre a passos largos. A mecanização da ordenha chega a 80% do total em Buenos Aires e mais de 90% em Santa Fé. Mais da metade delas faz uso de tambores de refrigeração. A produtividade média por vaca/ano é de 3.700 litros, cerca de três vezes acima da brasileira, mas ainda menor do que a dos Estados Unidos e da União Européia, respectivamente com 5.200 e 5.500.

Na província de Santa Fé, a mais importante bacia leiteira do país, tem-se a fotografia da modernização dos últimos tempos. Em 1975, para uma área de 1,3 milhão de hectares de pastagens e 610 mil vacas, existiam 15,2 mil propriedades que produziam 1,2 bilhão de litros. Em 1995, o número de fazendas tinha caído para 5,6 mil, que ocupavam 570 mil hectares e tinham 540 mil vacas, na produção de 2,3 bilhões de litros. Neste interregno, o número de fazendas caiu 63%, a área de pastagem encolheu 46% e as vacas são 11% a menos. Mas a produção cresceu 92%.

Argentina: Números da pecuária de leite

Ano	Produção milhões de l	Importação milhões de l	Exportação milhões de l	Consumo pe l/hab/ano
1993	7.002	301	306	207
1994	7.007	391	527	224
1995	8.507	227	1.094	220
1996	8.625	208	1.143	218
1997	8.711	200	958	223
1998*	9.146	200	1.163	226
1999*	9.787	200	1.565	229
2000*	10.472	200	2.006	233

Fonte: Secretaría de Agricultura, Ganadería, Pesca y Alimentación. — *Estimativa